



UM ESTUDO SOBRE OS FATORES CONTRIBUTIVOS PARA A ESCOLHA DO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

A STUDY ON THE CONTRIBUTIVE FACTORS TO CHOSE AN EDUCATION COURSE IN A PUBLIC UNIVERSITY

JACKELINE KYOKOYADA¹

jackelinekotipelto@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem por tema o exercício da docência com foco na escolha profissional. O objetivo é investigar fatores sociais relacionados à escolha do curso de Pedagogia por alunos de graduação. As questões que norteiam a pesquisa são: “Quais fatores relacionados à origem, trajetória e posição social contribuem para escolha do magistério como profissão? Por que a opção pelo ingresso em uma universidade pública?”. Para a fundamentação teórica recorre-se aos conceitos de capital cultural e *habitus* de Pierre Bourdieu, por estes contemplarem aspectos relacionados aos processos formativos aos quais o agente social está submetido em seu trajeto social. Como instrumento de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez alunas do curso que estudam nos turnos vespertino e noturno da Universidade Federal de São Paulo. Os resultados apontam para regularidades no grupo de alunos no que diz respeito à origem social, ao estilo de vida e às condições de vida e de existência, que contribuiriam com a escolha profissional por eles realizada. A representação da docência, na dimensão simbólica, se expressa em determinadas regularidades estruturantes no grupo de estudantes, como no amor e cuidado misturados com o trabalho específico da docência, na disposição em se dedicar a um trabalho socialmente desvalorizado e na crença na posse de determinado dom ou destinação para ser professor. Trata-se de alunos com famílias que, assim como eles, valorizam o fato de estudarem em uma universidade pública, mas que muitas vezes gostariam que seus filhos estudassem em um curso de maior prestígio social, que propiciasse maior retorno financeira.

Palavras-chave: Escolha profissional • Pedagogia • Educação

ABSTRACT

This research deals with the docent activities focusing the reasons for the professional choice. Main objective is to investigate the social factors related to the decision making process of choosing the Education course by graduating students. The questions that guided this survey were: “Which factors related to the origin, trajectory and social standings contribute to the decision making process of being a teacher by profession”? “Why the option to join a public university”? For the theoretical references we used the concepts of cultural capital and *habitus* by Pierre Bourdieu, as they comprise the aspects related to formation process of teachers to which the social agents are subject in their social pathway. As data collection instrument we used semi structured interviews with 10 students of the

¹ Mestre em Educação -Universidade Federal de São Paulo (2015).



Education course at the *Universidade Federal de São Paulo* – diurnal and nocturnal. Results point to regularities in the students group in terms of social origin, life style and living conditions that contribute to their professional choosing process. The docent representation, in the symbolic dimension, express in given structuring regularities in the students group, such as love and care mixed with the specific docent work, the disposition to devote to a job that is socially underappreciated and the believe of having a giving ability or destiny to be a teacher. They are students whose family in one hand appreciates the fact of studying in a public university but in the other hand would like their children to study in a more prestige course that might lead to a better financial revenue.

Key words: Professional choice • Education • Pedagogy

INTRODUÇÃO

Estudos sobre o professor e o seu exercício profissional são importantes para a compreensão das condições de trabalho da categoria, levantando questionamentos sobre o que leva os jovens brasileiros à escolha pela profissão docente, dentre todas as outras carreiras profissionais que são socialmente mais valorizadas. Nesse sentido, pode-se apontar a relevância de se investigarem as próprias relações que os alunos dos cursos de licenciatura estabeleceram, ou não, com o conhecimento e com a cultura em seu meio familiar e na sua trajetória escolar, para assim atentarmos à questão da escolha desses sujeitos pela profissão no magistério, considerando as condições de vida das famílias de origem desses estudantes e os condicionantes sociais nelas presentes.

Partindo dos estudos de Sampaio e Marin (2004), que indicam as precárias condições de trabalho do profissional docente, e considerando questões relacionadas aos condicionantes sociais que levam os jovens brasileiros a optarem pela carreira de professor (GATTI, 2009), destaca-se a necessidade de compreender as particularidades de tal escolha, em detrimento de outras opções em diferentes categorias profissionais. O reconhecimento social da profissão, se comparada a outros ofícios, demonstra grandes disparidades valorativas, o que também indica a necessidade de

analisar não só as relações que os alunos estabelecem com os cursos de licenciatura, mas também a internalização de determinados valores ligados à cultura e ao conhecimento por meio das experiências adquiridas em seu meio familiar e trajetória escolar precedente, para citar apenas algumas das instâncias em que ocorre a socialização dos elementos que podem possibilitar a atribuição de juízos de valor a um determinado campo de atuação.

De acordo com Gatti (2009), trabalhos já realizados sobre a carreira docente indicam que, passando por uma trajetória de baixos salários e por uma formação precária, dadas as dificuldades de acesso a uma formação de qualidade e a falta de acesso e familiaridade com bens culturais socialmente valorizados, entre outros problemas, os professores veem-se desarmados no enfrentamento da heterogeneidade social, econômica e cultural e ao mesmo tempo defrontam-se com o processo gradativo de perda de sua identidade. No caso do Brasil, são imensos os desafios de valorização do magistério, ainda mais se considerarmos o processo de expansão educacional, que pouco atentou para o compromisso com a equalização das condições objetivas de acesso à educação. A expansão do acesso à educação deu-se em decorrência de disputas políticas, não se atentando à questão da qualidade ou às condições desse acesso, mas sim à educação como meio de legitimar a cidadania



para a população. Sendo assim, faz-se necessário compreender e analisar dados do Brasil, como um todo, para se compreender o processo de valorização do magistério e suas expectativas de melhoria (GATTI, 2009).

Essa desvalorização apresenta-se em pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2009), baseada em respostas que os candidatos dão ao questionário do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), os quais levam-nos a conhecer o perfil dos candidatos em potencial ao magistério. Por meio desses dados, especificamente no caso da análise das respostas dos candidatos à questão: “Que profissão escolheu seguir?”, foi apontado que 5,2% dos jovens brasileiros, entre 17 e 20 anos, escolheram como profissão ser professor de Ensino Médio e Fundamental. Levando em consideração as questões de gênero, a pesquisa aponta que a probabilidade do candidato querer ser professor, caso seja mulher, é de 7,21%, enquanto que, se o candidato for homem, a probabilidade é ainda menor (5,60%). Também foi encontrada diferença entre a probabilidade de escolha do magistério de acordo com a escola à qual o aluno teve acesso durante seu percurso: “Aqueles que estudaram a vida toda em escolas públicas têm maior probabilidade de optar pela docência do que aqueles que estudaram parte ou toda a vida em escolas privadas.” (BRASIL, 2009; p. 6).

Segundo a pesquisa realizada pelo INEP (BRASIL, 2009), os jovens de 17 a 20 anos com maior probabilidade de seguir a carreira do magistério têm o seguinte perfil: é mulher, estudou o maior tempo em escola pública, possui baixa renda familiar, tirou nota consideravelmente baixa no ENEM.

O fato de os professores na atualidade originarem-se das camadas populares, vindos de uma escolarização pouco eficiente, fornece indícios para se compreender a desvalorização social da docência. Também o fato de o magistério atrair em sua maioria mulheres pode ser associado com a desvalorização social da carreira, que se deve à visão assistencialista do professor das séries iniciais.

O presente estudo investiga dados sobre a importância da compreensão e análise dos aspectos relacionados à valorização da docência e, portanto, dos condicionantes sociais que motivam, ou não, os jovens a escolherem a carreira docente como profissão. Pretende-se analisar os aspectos sociais e culturais de estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade pública, para assim se obter uma maior compreensão sobre quem são esses alunos e quais aspectos dos condicionantes sociais que os levaram à escolha pela carreira docente e pela licenciatura em Pedagogia.

A fim de melhor compreender o objeto da pesquisa, ou seja, a escolha da docência como profissão, foi realizado levantamento bibliográfico de estudos sobre a escolha da docência e a sua relação com os condicionantes sociais. Foi localizado um estudo pioneiro de Gouveia (1970), no qual a autora pontua que as primeiras questões relacionadas à escolha vocacional foram fundamentadas por sociólogos que documentaram a existência de relações estatísticas entre as aspirações ocupacionais e as características demográficas dos sujeitos. Outra frente de estudos localizada pela autora focalizou a dinâmica do processo de socialização no qual o indivíduo participa durante a vida, como os grupos e a família, que são importantes para ele, com o objetivo de se responder a perguntas



sobre a influência desses fatores na escolha vocacional. Estudos como esse, realizados na década de 60, já apontavam a existência de uma correlação entre a origem social dos estudantes e a escolha do curso superior.

Em sua pesquisa, Gouveia (1970), com o objetivo de definir um perfil dos alunos que escolhem o magistério como profissão, focou as relações entre a origem social e a escolha ocupacional, investigando alunas dos cursos normais nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, que na época seriam aquelas que teriam completado os cinco anos de estudos primários e quatro anos de estudos pós-primário. Em suas análises, a autora verificou que, na medida em que se desce na escala social, aumenta consistentemente a proporção de moças que aspiram ao magistério como profissão, e que o magistério como uma escolha profissional é mais citado entre as alunas vindas de famílias de trabalhadores manuais e entre aquelas pertencentes ao estrato médio da sociedade.

De acordo com o período histórico em que Gouveia (1970) realizou a pesquisa, duas noções a levaram à formulação da hipótese de que essa seria uma profissão voltada aos estratos médio e baixo da sociedade: a primeira refere-se ao fato, bastante mencionado nas investigações sobre a história da profissão docente, de que o magistério foi uma das primeiras profissões respeitáveis e de certa valorização social a que a mulher pôde se dedicar; a segunda noção desenvolve a atribuição do caráter feminino à profissão docente. Juntas, essas duas noções podem nos remeter à ideia de que a origem social e propensão ao magistério pudessem ser explicadas por um fator interveniente, uma espécie de conservadorismo na visão do

papel da mulher na sociedade que, conseqüentemente, determinaria sua atitude em relação à participação no mercado de trabalho. Portanto, o fator conservadorismo condicionaria a atitude da mulher perante a participação na esfera das atividades econômicas e, conseqüentemente, a escolha de uma profissão. Tal estudo aponta a fecundidade de se atentar para o posicionamento social e as questões de gênero ao se analisar a escolha profissional dos sujeitos.

Bourdieu e Passeron (2014) já constatavam a existência de uma correlação entre a origem social, definida pelos autores segundo a categoria socioprofissional do pai, e o tipo de curso superior frequentado pelos alunos. Os autores apontam nos seus estudos que essa correlação era influenciada pelos fatores sexo, idade e também pela origem geográfica (se eram de origem urbana ou rural) dos estudantes. Os alunos franceses que foram estudados por Bourdieu e Passeron (2014), oriundos das camadas altas da sociedade, ingressavam nos cursos com mais prestígio social do sistema de ensino do país, e aqueles das camadas inferiores, quando prolongavam os seus estudos até o Ensino Superior, eram relegados aos cursos e instituições de menor prestígio social. Quanto às mulheres, os autores apontam que essas restringiam-se às Ciências Humanas e principalmente às carreiras voltadas para o magistério. Defendendo a tese de que os indivíduos não escolhem a partir de um conjunto de alternativas que são oferecidas pelo sistema de ensino, mas sim a partir de um campo, socialmente construído, de “escolhas possíveis”, para Bourdieu (2011a; 2011b) as aspirações e escolhas escolares se definiriam em relação às oportunidades abertas aos membros de cada classe social.



Outro mecanismo apontado por Bourdieu (2013) como fundamental na restrição do grau de racionalidade que envolve a escolha do curso superior estaria relacionado à qualidade e ao uso das informações sobre o sistema de ensino pelo estudante; para o autor:

[...] as informações abstratas que um *bachelier* originário das classes populares ou médias pode ter de um órgão especializado de orientação sobre as posições raras e a familiaridade proporcionada a um jovem da classe dirigente pelo convívio direto com parentes que ocupam essas posições (BOURDIEU, 2013, p.94).

Nogueira (2006) traz dados de pesquisa de autores que seguem uma perspectiva teórica muito próxima da de Pierre Bourdieu. Trata-se de pesquisas contemporâneas que destacam a ideia de que as escolhas e aspirações escolares seriam delimitadas pelos indivíduos de acordo com sua classe social. O autor considera como relevante a pesquisa desenvolvida por Reay *et al.* (2001 apud NOGUEIRA, 2006) em que é analisada a questão das “escolhas possíveis” entre alunos que são candidatos ao Ensino Superior, oriundos das classes populares. Esses autores falam da existência de um processo psicológico de autoexclusão, em que esses estudantes frequentemente ignoram a possibilidade de entrada em uma universidade tradicional, de maior prestígio social (NOGUEIRA, 2006, p.14).

De qualquer forma, para o autor esses estudos apontam que o processo de escolha do curso superior muito se diferencia do pensamento comum, em que a escolha seria apenas baseada nas aptidões e gostos dos indivíduos. Como foi possível verificar nos dados anteriormente apresentados, é clara a ideia de que a escolha por uma profissão não se dá a partir de atributos de

caráter idiossincráticos, de maneira aleatória, mas sim em função dos aspectos socioeconômicos e de pertencimento social dos indivíduos; sendo assim, o que essas pesquisas mostram é que as escolhas são realizadas ao longo da trajetória social do indivíduo sem que ele necessariamente tenha consciência disso (NOGUEIRA, 2006).

OBJETIVOS

Partindo das questões acima destacadas e considerando a precarização do trabalho docente e sua desvalorização política e social, o **objetivo principal** deste estudo é investigar e analisar quais os fatores sociais que interferem na escolha de alunos de graduação pelo curso de Pedagogia. Visa-se também identificar e analisar aspectos do *habitus* familiar de origem que auxiliem a explicitar a compreensão dos alunos sobre o curso de Pedagogia, sobre o papel cultural e social do professor na escola e as expectativas desses futuros professores quanto à carreira na educação, por meio de indicadores de expressões do *habitus* familiar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos de *capital cultural* e *habitus* de Pierre Bourdieu se apresentam na presente pesquisa como instrumentos teóricos e metodológicos essenciais a serem analisados, por contemplarem aspectos relacionados aos processos formativos aos quais o agente social está submetido em seu trajeto social

Bourdieu (2010a) criou o conceito de capital cultural para melhor compreender a diferença no desempenho escolar de crianças originárias de diferentes classes sociais. Pois sendo o capital cultural adquirido em grande parte na instituição escolar, faz com que a escola, nas formulações



do autor, funcione como um dos mecanismos centrais para a legitimação das diferenças de classe e de reprodução das estruturas sociais. O autor define dois modos de reprodução no campo do poder, a reprodução do capital por meio familiar ou por meio da escolarização. Para as classes populares o sistema de ensino seria o fator essencial de inculcação da resignação, funcionando como um operador institucionalizado de classificação, transformando as hierarquias sociais em hierarquias escolares. Já as frações mais ricas em capital econômico, portanto as classes dominantes, recorreriam de maneira mais massiva a um maior tempo de escolarização de seus filhos, visando, dessa maneira, uma maior apropriação do capital cultural escolar, o que promoveria proporcionalmente uma melhor posição para os seus descendentes nas estruturas sociais. Pensando assim em uma estratégia de conversão de capital econômico em capital cultural escolar, o diploma funcionaria como uma tática para evitar a regressão social e possivelmente melhorar a posição relativa no espaço social.

Ao discutir o que é capital cultural, o autor parte do conceito de cultura como construção social. Nessa construção alguns aspectos da cultura são mais valorizados socialmente que outros, convertendo-se em capital, pois sua posse confere prestígio e distinção. Porém, vale ressaltar que não existe um elemento objetivo que diga que uma cultura é superior às outras; são os valores atribuídos pelos grupos dominantes em certa configuração social que a tornam legítima ou não. O autor define isso como arbitrário cultural (relações de força entre grupos ou classes sociais presentes na mesma sociedade). Portanto, uma cultura torna-se dominante na medida em que o grupo dominante a elege

como tal, servindo a interesses particulares que tendem a serem vistos como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo (BOURDIEU, 2010b).

Os indivíduos detentores do capital cultural seriam aqueles capazes de produzir, reconhecer e apreciar bens culturais que são mais valorizados socialmente, portanto tenderiam a ter maior facilidade para alcançar ou manter-se nas posições sociais mais altas da estrutura social, pois estes teriam melhores condições de serem bem sucedidos nas principais instâncias em que se disputa e se decide a posição social futura dos indivíduos (no sistema escolar, no mercado de trabalho, no mercado matrimonial, etc.).

Além do conceito de capital cultural, neste estudo também é importante o conceito de *habitus* elaborado pelo autor. Pierre Bourdieu, em sua obra, pensa a sociedade em seu contínuo movimento de objetivação, que estabelece a sua transformação pelas práticas dos agentes como seres históricos. Entende-se que a sociologia desenvolvida por esse pensador pode fornecer uma base teórica para analisar as condições objetivas nas quais os agentes produzem suas representações sociais e suas estratégias de reprodução que orientam suas práticas, construindo simbolicamente suas relações com o mundo (BOURDIEU, 2013).

Parafraseando o autor, os esquemas do *habitus* possuem sua relevância, pois funcionam independentemente da consciência ou do discurso, portanto, fora dos controles voluntários, envolvendo os princípios fundamentais da construção e da avaliação do mundo social, exprimindo os aspectos da divisão do trabalho entre as classes sociais ou a divisão do trabalho de dominação (BOURDIEU, 2011a, p. 434).



Sendo assim, os *habitus* individuais são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias e em espaços distintos como a família, a escola, os grupos de amigos, etc. Porém, Bourdieu (2009) afirma que não se exclui a possibilidade de que as respostas do *habitus* sejam acompanhadas de um cálculo estratégico, mas que, antes de tudo, a estimativa das possibilidades, que supõe a transformação do efeito passado em objetivo esperado, define-se fora de qualquer cálculo. O fato é que ela se define em relação às potencialidades objetivas.

O conceito de *habitus* funciona como instrumento de reflexão na relação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Bourdieu (2011a) afirma que o *habitus* não é destino, embora funcione como um sistema engendrado no passado, orientando as ações dos indivíduos no presente. O *habitus* define-se como uma matriz que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, o que nos habilita a pensar o processo de constituição das identidades individuais:

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p.63)

Trata-se de ferramenta teórica importante para entender as práticas sociais. De acordo com Setton (2002), Bourdieu aciona o conceito de *habitus* como um instrumento teórico para tentar apreender a prática como processo de objetivação e, segundo esse ponto de vista, o *habitus* é um instrumento que auxilia a apreender

certa homogeneidade nas escolhas e nos gostos de grupos ou de indivíduos que são produtos de uma mesma trajetória social; sendo assim, as preferências e disposições seriam produtos da relação entre um *habitus* e as pressões de uma conjuntura.

O princípio que funda o conceito é o da relação dialética entre uma conjuntura e sistemas de disposições individuais em processo de interação constante com as estruturas. Assim, a perspectiva histórica, a interpenetração entre passado, presente (trajetória) e futuro (o devir) são dimensões constitutivas dos *habitus* individuais. (SETTON, 2002, p.65)

A partir do exposto, evidencia-se a fecundidade da sociologia de Pierre Bourdieu (2013) para se desenvolver uma pesquisa sobre o processo de escolha profissional, uma vez que o autor oferece subsídios para a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade. Um dos pontos centrais da teoria do autor é que as condições objetivas de vida são interiorizadas pelos indivíduos, o que gera o *habitus*, conjunto de disposições que condicionam as ações e escolhas dos agentes diante de determinadas situações ou estímulos. Trata-se da "exteriorização da interioridade", ou seja, dos mecanismos interiorizados que se encontram subordinados ao comportamento.

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas e "regulares" sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a



intenção consciente dos fins (BOURDIEU, 2013, p.53).

Assim, as práticas produzidas pelo *habitus* são determinadas pela antecipação inexplícita de suas consequências, funcionando na sucessão das ações que são organizadas como estratégias, mas que não são, de modo algum, fruto de uma verdadeira intenção estratégica. Na teoria do autor, as condições de vida geram determinado *habitus* na medida em que são interiorizadas pelo indivíduo sob a forma de preceitos morais, sendo esses determinados pela relação de pertença de classe.

METODOLOGIA

Para o aprofundamento sobre aspectos da escolha pelo curso de Pedagogia em suas relações com o *habitus* familiar, foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada conforme referido por Laville e Dionne (1999, p.188): “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista”, sendo essas perguntas apoiadas no quadro teórico adotado e elaboradas de acordo com os objetivos e hipóteses da pesquisa, no sentido de buscar “objetivação”.

Recorreu-se ao uso da entrevista semiestruturada, que, embora não possuísse um roteiro demasiadamente fechado, guardava, na estrutura de sua composição, questões que atentavam os objetivos deste estudo. Nas entrevistas procurou-se dar liberdade para as alunas entrevistadas se expressarem a partir de questões apresentadas, cabendo apenas determinadas intervenções no sentido de reconduzir a fala ao assunto e ao tema de cada pergunta.

As entrevistas ocorreram dentro da

Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, em horários agendados de acordo com a disponibilidade de cada estudante e duraram em média 30 minutos. Foram entrevistados dez alunos do curso de Pedagogia ingressantes em 2014, sendo cinco do turno vespertino e cinco do noturno. Para escolher os participantes dessa etapa foram estabelecidos dois critérios, com o objetivo de captar a diversidade existente entre eles. O primeiro foi selecionar alunos de idades variadas, enquanto o segundo foi entrevistar estudantes dos dois turnos. É importante destacar que esses alunos foram escolhidos dentre aqueles que se voluntariaram para participar da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Serão apresentadas a seguir, brevemente, as análises das entrevistas realizadas com as dez alunas ingressantes no curso de Pedagogia, abrangendo os dois turnos (vespertino e noturno) em que o curso é realizado na Unifesp, com o propósito de compreender a relação entre a pertença de classe desses alunos e a escolha profissional pelo curso de Pedagogia.

Em maioria, as alunas (sete) têm idade entre 18 e 20 anos, o que mostra que são alunas que acabaram de sair do Ensino Médio e estão na sua primeira graduação. Apenas uma das alunas entrevistadas, Andrea, está cursando pela segunda vez um curso de Ensino Superior, pois ela já concluiu uma graduação em Relações Internacionais, mas afirma que nunca teve condições de aprender diferentes idiomas para trabalhar nessa área de trabalho

Oito alunas estudaram em escolas públicas integralmente ou na maior parte de sua escolarização, e duas delas afirmaram que cursaram apenas o Ensino Médio em



uma instituição particular. É possível que essa escolha dos seus pais em mudá-las de escola esteja associada com a ideia de que um investimento maior nessa etapa mais avançada de ensino poderia trazer um melhor aproveitamento escolar com a proximidade do vestibular. Com relação ao tipo de instituição, também pode-se ressaltar que o critério de escolha nesse processo está ligado a diversos fatores relacionados à classe de pertença dos sujeitos, como: preço da mensalidade, distância do domicílio, gastos para a permanência na instituição, dentre outros. Associando esses dados com o tipo de ocupação dos pais das alunas, é possível verificar que elas são de famílias com reduzidos recursos financeiros e que isso reflete diretamente nas escolhas escolares realizadas na sua trajetória de vida.

Reconhecendo que a ocupação funciona como um critério determinante para a definição da classe de pertença (BOURDIEU, 2011a), verifica-se que os pais e mães das alunas entrevistadas possivelmente exercem profissões que exigem uma reduzida qualificação profissional, o que seria condizente com suas trajetórias escolares reduzidas, trazendo indícios sobre a origem popular à qual pertencem as alunas aqui estudadas. Segundo Guimarães e Romanelli (2002), as classes populares constituem-se da seguinte maneira:

Podem ser consideradas como constituídas pela população pobre dos centros urbanos, que vive em condições financeiras precárias, decorrentes da reduzida qualificação ocupacional e da baixa escolaridade de seus integrantes, que têm acesso limitado aos serviços públicos, como educação e saúde. (GUIMARÃES; ROMANELLI, p.118-119, 2002).

Metade mora na cidade de São Paulo, duas alunas moram em Osasco, três

moram em Guarulhos, cidade na qual se encontra a Unifesp, instituição em que estudam.

Foram definidas três categorias para se analisar a escolha do curso de Pedagogia e suas relações com os condicionantes sociais; são elas: **marcas do capital cultural; percepções sobre o curso de Pedagogia e sobre a docência; aspectos do *habitus* familiar e a escolha da docência.**

Marcas do capital cultural

A verificação do capital cultural das alunas é fundamental para a construção de uma análise da relação por elas estabelecida com o conhecimento escolar, importante para compreender a escolha profissional e a opção pelo curso de Pedagogia.

Para Bourdieu (2010b), a origem familiar, que está associada com o nível de acesso aos bens culturalmente valorizados, contribuiria para definir as aspirações e o comportamento dos sujeitos no seu percurso social e escolar, reforçando, assim, as estruturas de desigualdades. Em suas pesquisas, o autor pontua que as classes sociais que são detentoras de maior capital cultural tendem a ocupar níveis mais elevados nos sistemas de ensino.

Verificou-se que as alunas entrevistadas vêm de famílias das camadas populares, portanto, com limitados recursos financeiros e culturais, mas que, de alguma maneira, muitas vezes, esforçavam-se além dos seus recursos para possibilitar aos seus filhos algum acesso às atividades culturais ou de lazer (acesso às práticas de leitura, incentivo à leitura dentro de casa, viagens etc.). Porém, o acesso às atividades culturais que são mais socialmente valorizadas (teatros, museus, exposições) parecem ter escapado das infâncias das alunas, o que



por sua vez trouxe consequências para a angariação do seu capital cultural, seja na família ou na escola, fato que pode ser observado na pouca frequência, valorização e pouca familiaridade dessas alunas com esses espaços culturais nos dias de hoje. Assim, o contato dessas alunas com a cultura socialmente valorizada, que nas camadas mais altas da sociedade acontece de maneira natural, dentro da família, para elas simplesmente não ocorreu, como fica visível na fala de Andrea que, ao ser questionada sobre a frequência com que vai a museus e exposições, afirmou que nunca teve cultura para realizar tal prática e hoje ainda não tem.

Além de tratar sobre suas práticas culturais, as alunas foram também questionadas sobre como compreendem a formação cultural e sua relação com o exercício docente. Todas, ao serem perguntadas se a profissão docente exige que o professor mantenha-se culturalmente atualizado, responderam positivamente e justificaram de maneira bastante distinta uma da outra. No entanto, foi um pouco mais frequente a argumentação de que o professor tem a tarefa de transmitir aos seus alunos assuntos novos, da atualidade, argumentos estes que parecem ser referentes às informações cotidianas, contato com notícias e atualidades, nada relacionado com práticas culturais ou contato com a produção cultural escrita ou artística; no geral, utilizaram uma argumentação bastante vaga sobre o papel cultural da profissão docente, mostrando que confundem muitas vezes a diferença entre o que é conhecimento e o que é informação, o que permite questionar que relação essas alunas estabelecem com a cultura e o conhecimento.

Percepções sobre o curso de Pedagogia e sobre a docência

Tratando da percepção do curso de Pedagogia, todas as alunas afirmaram gostar muito do curso, muitas mostraram-se admiradas com o quanto o curso supriu suas expectativas. Uma delas diz que o curso está sendo difícil, mas que mesmo assim está gostando, o que mostra que, apesar das dificuldades referentes aos estudos, ela tem se esforçado nessa nova trajetória escolar. O fato de gostarem do curso de Pedagogia parece bastante associado à questão de que sete das entrevistadas afirmaram que a primeira opção delas no vestibular foi a Pedagogia; então, o fato de gostarem do curso parece relacionado à expectativa que já era depositada antes mesmo de entrarem. É importante destacar que três alunas declaram que Pedagogia não era sua primeira opção, mas por motivos bem diversos, elas entraram nessa graduação e hoje se contemplam com a escolha.

O orgulho das estudantes em cursar Pedagogia parece diretamente ligado à instituição na qual as alunas estão estudando no momento pois, quando perguntadas se sentiam orgulho de estudar na Unifesp, uma universidade pública, todas deram uma resposta positiva e justificaram o motivo, enaltecendo o que consideram ser os diferenciais de estudar nessa instituição. Seis das entrevistadas apontaram primeiro como um diferencial o fato da instituição ser uma universidade pública, este parece ser o maior motivo de se orgulharem de estudar na Unifesp. Todas as respostas acima remetem à ideia de que o diploma de uma universidade pública funcionaria como um objeto que proporcionaria a elas distinção com relação ao diploma de uma universidade particular. Segundo Bourdieu (2010a), um dos estados do capital cultural seria o denominado "institucionalizado". O estado institucionalizado refere-se à posse



e ao acúmulo de certidões, certificados, diplomas e outras propriedades que tendem a ser socialmente valorizadas e utilizadas como atestados de competência reconhecida coletivamente e, principalmente, institucionalmente.

As alunas foram perguntadas sobre o motivo de escolher estudar Pedagogia e escolher dar aulas nos anos iniciais na Educação Básica, ao invés de fazerem outra licenciatura (história, geografia, letras, etc.) que também formam professores. A maioria das entrevistadas afirma gostar de criança e que esse foi um dos fatores determinantes na escolha do curso de Pedagogia. Tal fato evidencia como ainda, nos tempos de hoje, a escolha profissional pelo magistério está bastante associada às correntes de pensamento que afirmam que a mulher seria dotada biologicamente da capacidade de socializar crianças e que, como uma vocação natural, isso deve ser valorizado no processo de escolha pela profissão de docente dos anos iniciais

Aspectos do *habitus familiar* e a escolha da docência

Partindo do pressuposto de que o *habitus* é fruto da trajetória social dos indivíduos e das aprendizagens a ela relacionados, o objetivo aqui consiste em apresentar aspectos da trajetória das alunas no que se refere à sua socialização familiar, responsável pela estruturação do *habitus*, que pode auxiliar na compreensão da escolha pelo curso de Pedagogia.

Funcionando como um dos documentos norteadores para o desenvolvimento do roteiro de entrevistas elaborado para a presente pesquisa, o documento publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2009), que tem como objetivo

conhecer quem são os alunos brasileiros que escolhem o magistério como profissão, evidenciando que a carreira não atrai os melhores candidatos, a fim de captar-se aspectos do processo de escolarização e das aprendizagens familiares relacionadas à escola, foi perguntado se elas eram boas alunas no Ensino Fundamental e médio, deixando em aberto à interpretação delas o que seria uma “boa aluna”, considerando-se que aquilo que é bom ou ruim é amplamente subjetivo.

Pôde-se concluir que, no geral, as alunas tiveram uma trajetória escolar com dificuldades e enfrentamentos com as demandas da vida e do trabalho, já que nenhuma das entrevistadas afirmou que tirava boas notas, apenas notas na média e, em três casos, essa relação deu-se de maneira ainda mais escassa, já que as três chegaram a repetir um ou mais anos do Ensino Fundamental ou Médio, o que por sua vez trouxe consequências para o aprendizado. Desse modo, considerando que oito entre as dez alunas entrevistadas estudaram integralmente ou a maior parte do tempo em escolas públicas, foi possível verificar que a relação resignada que essas alunas tiveram com o sistema escolar, antes de entrarem na universidade, estaria de acordo com as disposições das classes populares quanto aos investimentos escolares.

Quando perguntadas especificamente se suas famílias as incentivam financeiramente para que prossigam estudando, apenas uma aluna afirmou que sua família não a incentiva financeiramente nos seus estudos acadêmicos, já que ela trabalha para custear sua permanência na universidade.

Sobre a escolha do curso de Pedagogia, apesar de as famílias, na maioria, incentivarem financeiramente os estudos



acadêmicos de suas filhas, ao serem perguntadas se seus pais apoiam a escolha delas pelo curso de Pedagogia, ficou evidente que, de fato, quase nenhuma família das alunas entrevistadas apoia a escolha do curso de Pedagogia pelas suas filhas, principalmente pelo fato de que, segundo eles, esse curso não traria um retorno financeiro aceitável.

Foi possível verificar que o fato de que algumas alunas terem professores na família pareceu influenciar na escolha do seu curso de nível superior, assim como a ideia de que as pessoas nascem com um dom para a docência. Porém, todas as outras disseram que suas famílias não influenciaram na decisão do seu curso de Ensino Superior.

Por fim, um dado verificado nas entrevistas foi que, ao serem perguntadas se seus pais sentiam orgulho da sua escolha profissional, no geral, as alunas deram respostas bem variadas e caminharam na direção de que suas famílias não se orgulham da escolha do curso que elas fizeram ou da profissão que irão seguir, mas sim, do fato de elas estarem no Ensino Superior, pois, independente do curso, são a primeira geração da família que chega ao nível superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se iniciar a presente pesquisa, acreditava-se que a escolha profissional pelo curso de Pedagogia não seria fruto de uma decisão livre e racional dos sujeitos, mas sim produto da incorporação de um *habitus*, que permite compreender, produzir determinadas estratégias de ação e incorporar as regras do jogo social. Partindo desse pressuposto e considerando a desvalorização social da docência nos anos iniciais da Educação Básica, objetivou-se

investigar quais seriam os fatores sociais que interferem na escolha de alunos pelo curso de Pedagogia, levantando dados sobre os aspectos sociais e culturais desses estudantes a fim de analisar aspectos do *habitus* familiar de origem para compreender-se as expectativas desses futuros professores quanto à carreira na Educação.

Para a compreensão dos fatores que motivam alunos a escolherem a docência nos anos iniciais da Educação Básica, recorreu-se à realização de entrevistas com dez alunas, dos dois turnos em que é ofertado o curso de Pedagogia. Tratando-se da relação dessas alunas com a cultura, foi possível verificar que se trata de estudantes com posse restrita de capital cultural. Considerando-se da infância até os dias de hoje, evidencia-se que as alunas não possuem hábitos culturais socialmente valorizados, o que de maneira geral demandaria investimento econômico delas e de seus familiares; são alunas que não frequentam e nunca frequentaram com regularidade teatros, museus ou cinemas, assim como também não possuem ou possuíam durante a infância incentivo à leitura ou uma rotina de leitura dentro de casa, o que parece estar relacionado com o fato de que seus pais igualmente não possuem tais práticas, visto que contam, ainda, com uma posse restrita de capital cultural nos seus diferentes estados (incorporado, objetivado e institucionalizado). Segundo Bourdieu (2010b), a família é o principal transmissor de capital cultural, marcando a maneira com que um sujeito se apropria dos bens culturais, contribuindo para definir comportamentos e aspirações ao longo do percurso escolar. Destaca-se de maneira geral que as alunas, por possuírem referências culturais restritas, apresentaram certa dificuldade ao discutirem questões relacionadas à importância do papel



cultural da profissão docente.

Trata-se de alunas com um discurso de tendência praticista ao pensarem no currículo do curso de Pedagogia, que mostraram estranhamento no momento em que se depararam com disciplinas de caráter reflexivo e crítico, como as de Sociologia da Educação e Filosofia da Educação durante o primeiro semestre do curso, pois, segundo elas, a formação de um professor dos anos iniciais da Educação Básica, antes de entrarem na Unifesp, era por elas pensada a partir de disciplinas relacionadas ao ensino de métodos práticos sobre “como dar aulas”. Mas, mesmo agora, já na universidade, para elas uma boa professora seria aquela dotada de características que são socialmente ligadas às mulheres, como ter paciência, ser compreensiva e bem-disposta em lidar com as crianças. Destaca-se que entre as alunas entrevistadas o curso de Pedagogia não era a primeira opção no vestibular, tendo desistido de prestarem vestibular para os cursos pretendidos por impossibilidades de ordem financeira ou simplesmente optaram por Pedagogia dentre outras licenciaturas nas quais tinham interesse de cursar para se tornarem professoras, sem apresentarem nenhuma justificativa aprofundada sobre essa decisão.

Nas entrevistas ficou evidente que as alunas se orgulham de ser estudantes do curso de Pedagogia, mas que isso parece estar ligado diretamente ao fato de estudarem em uma universidade pública, o que proporciona a elas certa distinção quanto

a estudantes que frequentam o mesmo curso, porém em instituições privadas de ensino; também foi possível concluir que é por elas reconhecido o fato de que não se trata de um curso valorizado socialmente, até mesmo dentro da própria universidade, em comparação com os demais cursos. A escolha pelo curso de Pedagogia não foi motivo de orgulho nas suas respectivas famílias, principalmente por se tratar de uma profissão que, segundo eles, proporciona pouco retorno financeiro.

Sendo assim, pode-se concluir que ser professor, na dimensão simbólica, expressa-se em determinadas regularidades estruturantes que são comuns no grupo de alunas: O amor e o cuidado na interação com as crianças e a maternagem facilmente misturada com o trabalho específico da docência; a doação e disposição para se dedicar a um trabalho que não é valorizado socialmente; a crença na posse de determinada vocação ou dom para a docência; o reconhecimento que exercer a docência significa abrir mão de uma vida financeiramente rica.

Acredita-se que a importância deste trabalho está na contribuição emprestada à compreensão das motivações que levam alunos a ingressarem no curso de Pedagogia com o objetivo de se tornarem professores dos anos iniciais da Educação Básica, permitindo apreender como articulam suas aspirações e suas ações, como pensam e o que acreditam ser o papel de professor na sociedade.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O senso prático*. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Os três estados do capital cultural. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs.). Escritos de educação*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 71-80, 2010a.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs.). Escritos de educação*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 81-126, 2010b.

_____. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Zouk/Edusp, 2011a.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011b.

_____. Esboço de uma teoria da prática. *In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu: sociologia*. Tradução Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Editora Olho d'Água, p. 39-72, 2013.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, da Cultura e do Desporto (MEC). Na medida. *Boletim de Estudos Educacionais do INEP*. Brasília: MEC, Ano 1, n. 3, 2009.

GATTI, B. A. (coord.) *Atratividade da carreira docente no Brasil*. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009.

GOUVEIA, A. J. *Professoras de Amanhã: Um Estudo de Escolha Ocupacional*. Rio de Janeiro: Editora Pioneira, 1970.

GUIMARÃES, R. M.; ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. *Psicologia em Estudo*. v. 7, n. 2, p. 117-26, jun/dez 2002.

LAVILLE, C.; DIONE, J. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

NOGUEIRA, C. M. N. Limites da explicação em sociologia da educação: considerações a partir de pesquisas sobre o processo de escolha do curso superior. *In: SBS-XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*. Minas Gerais, 2006. *GT 03 Educação e Sociedade*. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/osfe/Nogueira,%20Claudio%2osite.doc>>. Acesso 10 de nov. 2006.

SAMPAIO, M. das M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, set/dez 2004.

SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n.20, p. 60-70, mai/ago 2002.